

## **AS VIRTUDES DO MÉTODO PEDAGÓGICO TRIPARTITE NO ENSINO DA FILOSOFIA GREGA ANTIGA<sup>1</sup>**

Mayoro Dia<sup>2</sup>

### **Resumo**

A filosofia grega antiga, sendo uma disciplina muito importante e complexa, necessita de um método pedagógico com um esquema tripartido. O objetivo deste artigo é estudar o significado e a importância deste método, que torna esta disciplina mais facilmente acessível, dividindo-a em partes e subdividindo as partes em sub-partes. As partes e subpartes são classificadas e hierarquizadas numa ordem coerente e precisa, tornando-as muito fáceis de ensinar e aprender.

### **Palavras-chave**

Alma, belo, bom, indiferente, mau, pedagogia, filosofia, tripartite(te).

---

<sup>1</sup> Texto traduzido por Nathalia Ekert Pegoraro – Acadêmica do curso de História da Universidade Federal de São Paulo - [pegoraro.ekert@unifesp.br](mailto:pegoraro.ekert@unifesp.br)

<sup>2</sup> Professor Assistente – Universidade Cheikh Anta Diop de Dakar, Dakar, Senegal. E-mail: [mayoro.dia@ucad.edu.sn](mailto:mayoro.dia@ucad.edu.sn).

## Résumé

La philosophie grecque antique, en tant que discipline très importante et complexe, a besoin d'une méthode pédagogique avec un schéma triparti. L'objectif de cet article est d'étudier le sens et l'importance de cette méthode qui rend plus facilement accessible cette discipline, en la divisant en parties et en subdivisant les parties en sous-parties. Les parties et sous-parties sont classées et hiérarchisées dans un ordre cohérent et précis qui a pour les enseigner et apprendre très aisément.

## Mots-clés

Âme; beau; bien; indifférent; mauvais; pédagogie; philosophie; triparti(te).

## Introdução

Certas escolas filosóficas gregas antigas dividem frequentemente as definições de conceitos em "três (3)<sup>3</sup>" partes, por vezes estas últimas em sub-partes, e assim sucessivamente até ao infinito. Este número que se repete frequentemente nos seus ensinamentos é o número de partes e sub-partes em que se divide, em geral, a filosofia antiga. Tais fatos inspiraram-nos, na escolha do tema deste artigo, a estudar o emprego e a utilidade deste número no ensino e na aprendizagem da filosofia. Mas, para não estendermos infinitamente este estudo, limitamo-lo a certas escolas filosóficas da Grécia antiga, partindo da leitura dos livros de Sextus Empiricus, *Pyrrhonian Sketches*, Livro III, chap. XIX - XXIII e *Adv. math.*, livro IX, onde aparece a tripartição ou divisão por "três (3)" da parte ética da filosofia.

Não se trata de investigar a origem da tripartição ou de revisitar as discussões entre os estudiosos, pois isso seria uma repetição de um trabalho já feito<sup>4</sup>. Em vez disso, o objetivo é mostrar a importância do esquema tripartido para facilitar o ensino e a aprendizagem da filosofia. Com efeito, os filósofos - principalmente os estoicos - procedem da mesma forma no que diz respeito ao número que utilizam numa finalidade primordialmente pedagógica de simplificar, classificar e clarificar conceitos filosóficos complexos transmitidos aos alunos com exemplos concretos, dando um nome preciso a cada parte ou subparte. Esta tripartição permite sobretudo aos filósofos explicar muito facilmente cada parte e subparte da filosofia, uma vez que é difícil ensinar ou aprender filosofia como um bloco único e indivisível. É por isso que é necessário dividi-la num plano detalhado e coerente, de modo a poder classificar as partes e subpartes numa ordem de transmissão adequada. Esta finalidade pedagógica é o objetivo do presente estudo. Para o conseguir, para além de fontes secundárias extraídas dos escritos de outros estudiosos, utilizamos sobretudo os escritos de Sextus Empiricus<sup>5</sup> como fontes

---

<sup>3</sup> A natureza mais perfeita e divina é composta por três princípios (o entendimento, a matéria e o produto da sua combinação ou o mundo), e o número 3 é o primeiro número ímpar e perfeito. Ver Plutarco, *Obras Morais, Sobre Ísis e Osíris*, capítulo 56.

<sup>4</sup> Sobre a origem do princípio da classificação tripartida em filosofia, ver Hadot P., "Les divisions des parties de la philosophie dans l'Antiquité". In: *Museum Helveticum*, Vol. 36, nº 4 (1979), pp. 201-223. Sobre a origem do princípio da classificação tripartida na filosofia e na medicina empírica, ver von Staden H., *Herophilus: The Art of Medicine in Early Alexandria*. Edição, tradução e ensaios (Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1989), xi.m-666 p. capítulo IV.

<sup>5</sup> Sobre traduções de Sextus Empiricus, ver D'Jeranian O., *Sextus Empiricus, Contre les moralistes (Adv. Math. XI)*, texte présenté, traduzido e anotado por O. D'JERANIAN, Paris, Manucius, 2015; Pellegrin P., Dalimier C., Delattre D. et J., Pérez B., 2002. *Sextus Empiricus. Contre les professeurs*. Introdução, glossário e índice de Pierre Pellegrin, tradução de C. Dalimier, D. e J. Delattre, B. Pérez

principais do corpus. Cada uma das principais noções de alma, filosofia e ética será assim estudada em três ramos.

## I. A tripartição de certas noções filosóficas

Estudamos a tripartição da alma, da filosofia e da ética. De fato, existem principalmente "três (3)" ramificações nas noções filosóficas da antiguidade. A divisão ou subdivisão tripartida é usada principalmente para definir uma noção ou para notar seus diferentes significados. Mas nem sempre é em três partes ou subpartes que se dividem ou subdividem as noções em filosofia, pois por vezes dividem-se em mais ou menos de três partes ou subpartes. O trabalho centra-se na tripartição para não a alargar desnecessariamente, tentando abranger todos os ramos. A lista de exemplos não é exaustiva, mas alguns podem constituir um ponto de partida.

Os estoicos dividem a filosofia em três partes: lógica, física e moral. Alguns deles subdividem a lógica em duas ciências que são a retórica e a dialética; outros acrescentam-lhe uma certa espécie definida relativa às regras e aos juízos; outros suprimem esta última subparte. Quanto à dialética (*Adv. Adversus mathematicos* = *Adv. Math.*, XI, 187), ela é assim definida: "Os estoicos diziam também que a dialética é "a ciência das coisas verdadeiras, das coisas falsas e das coisas indiferentes" [...]"<sup>6</sup> (Grenier e Goron, 1948: 137). Esta definição estoica de dialética distingue três tipos ou qualidades entre os objetos da dialética.

Além disso, os estoicos conformam-se com a divisão da retórica em três ramos, a saber, a eloquência das assembleias, a eloquência judiciária e a eloquência dos panegíricos. Com eles, a letra (exemplo: alfa) é dita de três maneiras diferentes: elemento, carácter e nome. Panécio afirma que há dois tipos de virtude: a virtude teórica e a virtude prática; mas outros estoicos dividem-na em três tipos de virtude: a virtude lógica, a virtude física e a virtude ética<sup>7</sup>. O termo belo pode ser usado em

---

editado por P. Pellegrin. Bilingue grego-francês. Éditions du Seuil; Grenier J. e Goron G. *Œuvres Choisies De Sextus Empiricus. Contre Les Physiciens, Contre Les Moralistes, Hypotyposes Pyrrhonniennes.* (Bibliothèque Philosophique) Brochura, Editions Montaigne, 1948.

<sup>6</sup> Cf. *Hipóteses Pirrônicas*, II, 94, 247: "[...] a dialética é a ciência das coisas que são verdadeiras, das coisas que são falsas e das coisas que não são nem uma coisa, nem outra [...]." Tradução de Pellegrin P., *Sextus Empiricus. Esquisses pyrrhonniennes*. Bilingue grec - français, Paris, Éditions du Seuil, 1997, pp. 253, 347. Ver Pellegrin P., *op. cit.*, 1997, p. 253, nota 2: Diógenes Laércio(VII, 62) atribui esta definição de dialética ao estoico Possidônio.

<sup>7</sup> Os estoicos têm três partes: a física conduz à metafísica e a metafísica conduz à ética.

três sentidos: a coisa que torna digna de louvor a pessoa que a possui; o fato de estar disposto de forma excelente para desempenhar bem a sua tarefa; a coisa que é um ornamento, por exemplo, quando se diz que o sábio é um homem "belo e bom".

Além disso, subdividem a ética em três subpartes: os bens, os males e as coisas indiferentes. Exemplos de bens são as virtudes, a prudência, a justiça, a coragem, a temperança; exemplos de males são os seus opostos, a imprudência, a injustiça, a cobardia, a intemperança; coisas indiferentes são aquelas que não são úteis nem prejudiciais em si mesmas, por exemplo, vida, saúde, prazer, beleza, força, riqueza, glória, nobreza; seus opostos são morte, doença, dor, feiura, fraqueza, pobreza, obscuridade, baixo nascimento, etc. Sempre no que diz respeito aos bens, é possível distinguir três tipos, a saber, alguns se relacionam com um fim, outros consistem em efeito, e outros ainda se relacionam tanto com o fim quanto com o efeito. Entre os bens da alma, alguns são estados, outros são afetos, e outros não são nem estados, nem afetos.

Além disso, eles subdividem a física em três partes, que são o mundo, os elementos e as causas. O corpo é uma extensão que tem três dimensões que são comprimento, largura e espessura. Com o termo "mundo" os estoicos entendem três tipos de coisas que são a divindade, o próprio arranjo das estrelas e aquilo que é composto das duas. Eles observam as regras das proposições silogísticas, a saber, maior, menor e conclusão. Eles definem a sabedoria como a ciência das coisas más, das coisas boas e das coisas neutras; a coragem como a ciência das coisas a serem escolhidas, das coisas a serem evitadas e das coisas indiferentes; a paciência como uma ciência ou hábito das coisas a serem estudadas, das coisas a serem negligenciadas e das coisas indiferentes.

Em suma, estes são apenas alguns exemplos de tripartição na filosofia estoica. Para ilustrar o método da tripartição em tabelas, três noções (alma, filosofia e ética) podem servir de exemplo para apoiar a utilização do método da tripartição, a fim de melhor transmitir o conhecimento das noções filosóficas. Poderíamos dar inúmeros exemplos com tabelas para explicar e ilustrar a abordagem tripartida, mas o nosso objetivo é a brevidade para não alongar o trabalho.

## II. Divisão da alma em três partes

Diz-se que a tripartição da alma remonta a Pitágoras (Diógenes Laércio, Livro VIII, 30)<sup>8</sup>. As três partes são a alma racional (pensante, intelectual), a alma corajosa e a alma desejante.

Três partes da alma		
Alma racional	Alma corajosa	Alma desejante

Quadro 1

Podemos notar uma evolução nas reflexões dos antigos filósofos gregos<sup>9</sup> sobre a alma dividida em duas partes formando uma dualidade essencial (Platão, *República* 588c; *Fedro* 246a e 253d) : uma é dotada de razão, enquanto a outra é privada dela e chamada paixão (Aristóteles, *Ética Nicomaquéia*, Livro I, cap. XI, § 9). Em seguida, divide-se em três partes. Deve-se fazer uma distinção entre as duas teorias da sede das faculdades mentais (pensamento, inteligência): cardiocentrismo é a teoria cardiocentrista de Aristóteles segundo a qual o coração, como órgão quente e seco, é a sede das faculdades mentais; cerebrocentrismo é o cefalocentrismo ou a teoria cefalocentrista de Platão e Gálio segundo a qual o cérebro é a sede das faculdades mentais.

A primeira alma, τὸ λογιστικὸν (de ὁ λόγος: razão) é a faculdade de raciocinar ou razão (Platão, *República* 439 d; Plutarco, *Obras Morais*, 656 c). Esta alma é também designada por τὸ ἡγεμονικὸν (de ὁ ἡγημόν: o comandante, o chefe, o que conduz, o guia) que é um termo estoico que designa a parte orientadora da alma segundo Zeno (Diógenes Laércio, VII, 159; Plutarco, M. 899 a); designa também a faculdade diretora ou mestra, ou a razão. A segunda alma é ὁ θυμός (ὁ θυμός: sopro, vida - o princípio da vontade, dos sentimentos, das paixões - o coração) que é a sede dos

<sup>8</sup> Pitágoras divide a alma humana em três partes: espírito, razão e paixão (τε νοῦν καὶ φρένας καὶ θυμόν). Segundo ele, a paixão e o espírito pertencem aos animais e aos homens, enquanto a razão é encontrada apenas no homem; o coração é a sede da paixão, enquanto o cérebro é a sede da razão e do espírito.

<sup>9</sup> Sobre as diferentes partes que compõem a alma e a hierarquia dessas partes em autores antigos como Platão, Aristóteles, os estoicos incluindo Crisipo, os epicuristas, Cícero... ver Lucas D., "La philosophie antique comme soin de l'âme", *Le Portique* [Online], 4-2007 | Soin et éducation (II), online 14 de junho de 2007, acedido em 30 de abril de 2019; Moreau Joseph, "Platon et la connaissance de l'âme". In: *Revue des Études Anciennes*. Tomo 55, 1953, nº3-4, pp. 249-257.

sentimentos e das paixões (*República* 439 e). A terceira alma é τὸ ἐπιθυμητικὸν (ἡ ἐπιθυμία: desejo) que é a faculdade de desejar (Platão, *República* 439 e; Aristóteles, *Nic.* 1, 13, 2; Plutarco, *M.* 429 e). Destas três partes a classificação é feita assim, de acordo com a sua ordem hierárquica: a primeira alma, da qual o cérebro é a sede, é a mais importante e lidera as outras duas; a segunda alma, da qual o coração é a sede, é subordinada à primeira, mas superior à terceira, da qual o fígado é a sede. Platão admite três partes da 'alma'<sup>10</sup>. Mas, no *Phedon* (64 c sq., 65 a-66 e sq., 78 b-80 b, 82 d-83 d, 94 b-e e *passim*), ele admite uma só alma sem fazer qualquer divisão.

Na medicina, encontramos em Galeno a divisão da alma em três partes, cada uma em sua sede própria. De fato, inspirado por esta divisão no *Timaeus* de Platão (*Fragmentos do comentário de Galeno ao Timaeus de Platão*), ele dá, no seu tratado *Sobre as doutrinas de Hipócrates e Platão*<sup>11</sup>, os três centros psíquicos ou três almas, o que o leva a correlacionar as três "respirações ou pneumas" (πνεῦματα/ *pneumas*) com as três faculdades do corpo, que são a faculdade nutritiva, a faculdade vital (faculdade pulsátil) e a faculdade lógica (diretiva). As três respirações vitais são a "respiração natural/física" (πνεῦμα φυσικόν) elaborada pelo fígado que é a fonte das veias, do sangue e da faculdade nutritiva cuja atividade final é produzir desejos; o "sopro vital" (πνεῦμα ζωτικόν) elaborado pelo coração que é a fonte das artérias, do calor inato e da faculdade esfigmomaníaca cuja atividade final é produzir emoções; o "sopro psíquico" (πνεῦμα ψυχικόν) elaborado pelo cérebro que é a fonte dos nervos sensoriais e motores cuja atividade final é a racionalidade<sup>12</sup>.

---

<sup>10</sup> Para Platão, a alma divide-se em três partes: uma parte material no fígado, uma parte sensível no coração e uma parte racional ou espiritual no coração. Ver *A República*, IV, 436 a-437 e, 441 c-444 a; VIII, 550 b, 553 cd), *Fedro*, 246 a ff, *Timeu*.

<sup>11</sup> Les galénistes sont des partisans de cette tripartition, cf. Nutton V., " chap. 14 As fortunas de Galeno ". In: R.J. Hankinson (ed.), *The Cambridge Companion to Galen*, Cambridge University Press, 2008; Debru A., " cap. 10 Fisiologia ". In: R.J Hankinson (ed.), *The Cambridge Companion to GALEN*, Cambridge University Press, 2008.

<sup>12</sup> Phillip Galen & De Lacy, *Galen, Galen on the Doctrines of Hippocrates and Plato* - 1978 - Akademie Verlag.; Heinrich Von Staden, "La théorie de la vision chez Galien: la colonne qui saute et autres énigmes", in: *Philosophie antique* [Online], 12 | 2012, Online desde 01 de novembro de 2018, ligação em 18 de fevereiro de 2023.URL: <http://journals.openedition.org/philosant/936>; DOI: <https://doi.org/10.4000/philosant.936> [Online] acedido em 18/ 02/ 20123; Olivier Lafon, "Galien et la théorie des humeurs", Colloque Galien - Avicenne, Rabbat, 2/X/2015. [https://www.acadpharm.org/dos\\_public/O.\\_LAFONT.pdf](https://www.acadpharm.org/dos_public/O._LAFONT.pdf) [Online] acedido em 18/ 02/ 20123; Armelle Debru, *Le Corps Respirant : La Pensée Physiologique chez Galien*, *Studies in Ancient Medicine*, Brill, 1996.

Três respirações ou pneumas (πνεῦμα/ <i>pneuma</i> ).		
O sopro natural (πνεῦμα φυσικόν) corresponde à faculdade nutritiva.	O sopro vital (πνεῦμα ζωτικόν) corresponde à faculdade vital.	O sopro psíquico (πνεῦμα ψυχικόν) corresponde à faculdade lógica.

Quadro 2

O pneuma que vem do cérebro é transportado pelos nervos; o pneuma que vem do fígado é transportado pelo sangue que passa pelo circuito nervoso; o pneuma que vem do coração é transportado pelo ar dos pulmões através das artérias. Este padrão foi mais tarde observado por médicos posteriores a Galeno, nomeadamente Paracelso e André Vesalius a partir do século XVI. Estes últimos registaram e corrigiram os erros de Galeno nas suas obras.

### III. Divisão da filosofia em três partes

A filosofia não estava dividida em partes e sub-partes na origem da especulação grega; confundia-se com o estudo da natureza (física) praticado pelos filósofos pré-socráticos, que se preocupavam em observar e explorar o cosmos para encontrar os elementos primários na sua origem. Era um conjunto de conhecimentos humanos, tanto internos como externos. Não se sabe se Sócrates procedeu à divisão da filosofia<sup>13</sup>, ou como a dividiu se o fez, mas sabe-se que o seu aluno Platão não dividiu efetivamente a filosofia nos seus escritos. Pelo contrário, foi Aristóteles, o primeiro, que a dividiu claramente em três ciências distintas: a ciência teórica ou especulativa, cujo objeto é a especulação (conhecer); a ciência prática, que equivale à moral (agir); a ciência poética, cujo objeto é a arte (fazer ou criar). Na filosofia especulativa, ele distingue três ramos que são a filosofia natural ou física, a filosofia matemática e a filosofia divina ou metafísica. Depois dele, a divisão é quase abandonada.

<sup>13</sup> É pouco provável que Sócrates tenha efetuado esta divisão. Ver a referência na nota anterior. Mas Debru A., "Hérophile, ou l'art de la médecine dans l'Alexandrie antique", 1991, p. 439, diz: "... a tripartição e a classe dos indiferentes estão já presentes em Aristóteles, e em forma de esboço no Protágoras de Platão." Aqui ela está a falar de tripartição em forma de esboço.

Entretanto, de acordo com Pierre Hadot, essa ideia da divisão sistemática da filosofia em partes parece ter se originado no ambiente da Academia de Platão, durante um período de intensa reflexão geral sobre o método científico, e foi adotada por Aristóteles e outros filósofos posteriores<sup>14</sup>. Foi também nesse ambiente que nasceu o primeiro tipo de classificação das partes da filosofia. Essa foi a divisão aristotélica das ciências. Essa teoria da tripartição da filosofia em lógica, física e ética não é um modelo peculiar à filosofia estoica, mas a várias escolas filosóficas (Diógenes Laércio, *Prefácio*). Pierre Hadot parece concordar com Diógenes Laércio sobre a divisão da filosofia em três partes na Antiguidade:

Na Antiguidade - como fui levado a dizer sobre os estoicos em particular, mas penso que, em última análise, pode ser dito sobre toda a filosofia - há três partes da filosofia: lógica, física e ética. De fato, há uma lógica teórica, uma física teórica, uma ética teórica, e depois há uma lógica vivida, uma física vivida, uma ética vivida (Hadot, Laugier, Davidson, 2001: 129-138).

Como vimos, esta tripartição é substituída por outra divisão em três partes na escola filosófica estoica: física ou ciência da natureza externa; lógica ou ciência das leis da mente e do conhecimento; ética ou moral. Esta tripartição física/lógica/ética é atribuída ao Estoicismo, uma vez que não é atestada sob esta forma entre os Epicureus. Os epicureus não reconheciam a "lógica", mas concebiam a parte "canônica" como uma "parte" da filosofia que fornece os critérios de verdade e as regras do pensamento, a parte física que oferece uma explicação racional da natureza e do mundo, e a parte moral que fornece os princípios de uma vida baseada na felicidade e na paz.

Os filósofos posteriores também passaram a dividir a filosofia em três, quatro, duas partes, e assim por diante. Para não prolongar indefinidamente o nosso estudo, limitar-nos-emos à divisão da filosofia antiga.

---

<sup>14</sup> Hadot P., "Conférence de M. Pierre Hadot: Théologies et mystiques de la Grèce hellénistique et de la fin de l'antiquité". In: *École pratique des hautes études, Section des sciences religieuses. Annuaire*. Tome 87, 1978-1979, pp. 283-288; Hadot P., "Les divisions des parties de la philosophie dans l'Antiquité", (1979), pp. 201-223. Para não escrevermos aqui todas as obras em que Platão e outros acadêmicos, outros estudiosos como Aristóteles, os estoicos, Sextus Empiricus, Diógenes Laércio trataram do método tripartido, remetemos os nossos leitores que queiram ter a lista de obras para os artigos de P. Hadot acima citados. Aí podemos aprender a evolução da teoria das partes da filosofia, os seus diferentes significados e denominações, e também a mudança dos seus lugares no esquema da tripartição.

Partes da filosofia		
Lógica	Física	Ética
Quadro 3		

Em suma, como a nossa investigação mostrou, esta tripartição (tríade, ou triângulo, ou tripé) da filosofia terá tido a sua origem em Aristóteles e aparece num grande número de escolas de filosofia antiga.

#### IV. Divisão da ética em três ramos

Há três subsecções na parte ética<sup>15</sup> relativas, por exemplo, a seres e objetos: "bens ou coisas belas" (ἀγαθά ou καλά); "coisas más" (κακά); "coisas indiferentes" (ἀδιάφορα) ou "que não são nem uma coisa, nem outra" (οὐδέτερα, οὐθέτερα). A terceira subsecção diz respeito às duas primeiras. Os filósofos, sobretudo os Acadêmicos, os Peripatéticos e os estoicos, são unâimes em considerar que o estudo da parte ética da filosofia diz respeito ao discernimento entre as coisas boas (belas) e as coisas más. Entre estes filósofos, Sócrates é o primeiro a praticar a distinção entre coisas boas (belas) e coisas más (*Adv. Math.*, Livro XI, 2). Sextus relata as três categorias de coisas (coisas boas ou belas, coisas más ou feias, coisas indiferentes) que encontrou nos filósofos da Academia antiga, nos peripatéticos e nos estoicos (*Adv. Math.*, livro XI, 3). Xenócrates, da Academia antiga, terá feito este discernimento das coisas em três categorias (*Adv. Math.*, Livro XI, cap. I, 3 sqq.) nos seus livros *Sobre a Felicidade* (Grenier e Goron, 1948: nota 1.) que Diógenes Laércio cita (IV, 12). Este último (VII, 101) relata que os estoicos sustentam que algumas das coisas que existem são boas, outras são más e outras não são nem boas, nem más. Podemos citar algumas coisas que compõem cada uma das subpartes. Por exemplo, as virtudes e tudo o que faz parte das virtudes são bens; entre os males

<sup>15</sup> Sobre as subpartes da parte ética, ver Platão, *Philebus*, 43c -44d ; Aristóteles, *Política*, VII, 1, 1323 a 24; *Ética Nicomaquéia*, Livro I, cap. 8; Epicteto, *Entretiens*, II, 9, 15; 19, 13; Sextus, *Pyrrhonian Sketches*, III, 168-239, 271-272, 277-278; *Adv. Math.*, VII, 158, 162-163 ; *Adv. Math.*, XI, 184, 246; Diógenes Laérce, Livro VII, 101. Ver também Méhat A., *Étude sur les 'Stromates' de Clément d'Alexandrie* (Patristica Sorbonensis, 7).Paris, Éd. du Seuil, 1966; 1 vol. in-8°, 580 p., 1 índice, p. 77sq. A ética contém a sabedoria (ou ciência da vida) também subdividida em três subpartes: as coisas boas, as coisas más e as coisas indiferentes (*Adv. Math.*, XI, 184, 246).

estão os que são contrários aos bens; a riqueza, a saúde e a reputação estão entre os indiferentes.

Este método tripartido consiste em considerar com firmeza e certeza as coisas em afirmações positivas, as coisas em afirmações negativas e as coisas intermédias ou indiferentes; por outras palavras, há três afirmações, uma das quais é positiva, a outra negativa e a terceira não é nenhuma ou ambas<sup>16</sup>. É usado principalmente quando se fala de ética nas referências citadas, onde o estudo da parte ética da filosofia trata da distinção entre coisas boas (belas), coisas más (feias) e coisas indiferentes, ou neutras, ou intermédias. Por exemplo, no que diz respeito ao bem e ao mal, Sextus relaciona as posições dos filósofos dogmáticos, nomeadamente dos estoicos, dizendo que há coisas boas, coisas más e coisas neutras ou intermédias. Sextus usa e aplica esse modo de apresentar as coisas a muitos casos para fazer uma distinção tripartida entre as coisas que existem (*Adv. Math.*, livro XI, cap. I, 7).

Os estoicos dão três significados à categoria de bens (Sextus, *Pyrrhonian Sketches*, III, 170-172; *Adv. Math.*, XI, 31 sqq.). Primeiro, diz-se que o bem é “aquilo pelo qual” ( $\tau\circ\ \nu\varphi'\ o\check{v}$ ) se pode alcançar o proveitoso chamado “o bem supremo” ( $\grave{\alpha}\rho\chi\kappa\grave{\omega}\tau\alpha\tau\circ\circ\check{v}$ ), por exemplo, a virtude. Pelo uso da expressão ( $\tau\circ\ \nu\varphi'\ o\check{v}$ ), o bem é aqui entendido como um meio pelo qual é possível alcançar o proveitoso. Em segundo lugar, diz-se que o bem é “aquilo em razão do qual” ( $\kappa\alpha\theta'\ \grave{\delta}\circ$ ) uma coisa é chamada de proveitosa, por exemplo, a virtude e as ações virtuosas. Pelo uso da expressão ( $\kappa\alpha\theta'\ \grave{\delta}\circ$ ), o bem é aqui entendido como uma causa ou aquilo que causa o que é lucrativo. Em terceiro lugar, “aquilo que provavelmente será proveitoso” ( $\tau\circ\ o\check{\iota}\circ\circ\ \tau\epsilon\ \grave{\omega}\varphi\epsilon\lambda\iota\check{v}$ ) também é dito bom, como a virtude, a ação virtuosa, o virtuoso, o amigo, os deuses e as divindades virtuosas. Sextus conclui a partir dessas três

---

<sup>16</sup> Essas declarações podem ser representadas da seguinte forma: A = declaração 1; B = declaração 2; C = declaração 3: A = declaração 1; B = declaração 2; C = declaração 3. Elas podem ser esquematizadas de forma ainda mais precisa: A = declaração 1; B = declaração 2; C = nem A nem B = declaração 3; ou A e B ao mesmo tempo = declaração 3; ou A + B, mas A > B = declaração 3; ou A+ B, mas B > A = declaração 3. Elas podem ser esquematizadas de forma ainda mais precisa: A = afirmação 1; -A = afirmação 2; nem A nem -A = afirmação 3, ou A e -A = afirmação 3. Sobre os significados que esse termo grego *o\check{u}\delta\grave{\epsilon}\tau\epsilon\varphi\alpha* (“neutro” ou “indiferente”), que constitui a afirmação 3, tem, consulte Boudon-Millot V. (Ed.), *Galien, tome II : Exhortation à l'étude de la médecine, Art médical*, 2018, p. 338, nota 1, onde ela explica os seguintes significados desse termo: “O neutro é de fato entendido de três maneiras: 1- na medida em que não participa de nenhum dos estados contrários; 2 - na medida em que participa às vezes de um, às vezes de outro; 3- na medida em que participa de ambos ao mesmo tempo.”

denominações que a segunda engloba a primeira, e que a terceira engloba tanto a segunda quanto a terceira.

Entretanto, as propriedades dos bens são múltiplas. É por isso que alguns estoicos afirmam que o bem é o que é escolhido por si mesmo, enquanto outros dizem que o bem é o que contribui para a felicidade ou o que a completa. Sextus mostra que esses estudiosos não entendiam a verdadeira natureza do bem, mas apenas suas propriedades. A natureza de uma coisa é, portanto, diferente de suas propriedades. O mesmo se aplica às coisas que são ruins e às coisas que são indiferentes.

Propriedades		
O quê	Para quê	O que provavelmente será lucrativo

**Quadro 4**

Essa subdivisão tríplice de bens é diferente da encontrada nas Linhas Gerais de Pirro (Livro III, 180-181), onde há três tipos de bens. Sextus relata a posição dos peripatéticos (Livro III, 180, Pellegrin, 1997: 469):

[...] Entre os próprios filósofos, alguns, como os peripatéticos, dizem que há três tipos de bens: os que dizem respeito à alma, como as virtudes; os que dizem respeito ao corpo, como a saúde e coisas semelhantes; e os bens externos, como amigos, riqueza e outras coisas.

De acordo com Sextus (*Adv. Math.*, XI, 45-46, 51 sqq.), os acadêmicos e peripatéticos (Aristóteles, *Política*, VII, 1, 1323 a 24; *Ética Nicomacaica*, Livro I, cap. 8.) afirmam que há três categorias de bens, alguns dos quais dizem respeito à alma (as virtudes), outros ao corpo (saúde, bem-estar, agudeza dos sentidos, beleza e tudo o que se assemelha a isto), outros ainda são estranhos tanto ao corpo como à alma (saúde, pátria, pais, filhos e todas as coisas do mesmo gênero). Para mostrar as divergências entre as duas escolas filosóficas, Sextus confrontou a posição dos Peripatéticos com a dos estoicos, que adotam a subdivisão dos bens em três espécies como os primeiros, mas não concordam plenamente com eles quanto ao mesmo conteúdo a colocar em cada classe (Livro III, 181, Pellegrin, 1997: 469) :

Os estoicos dizem também que os bens se dividem em três partes: de fato, uns dizem respeito à alma, como as virtudes, d'outros são bens exteriores,

como a pessoa virtuosa e o amigo, outros não dizem respeito à alma e não são exteriores, como o virtuoso em relação a si mesmo. Por outro lado, aqueles que dizem respeito ao corpo, a que os peripatéticos chamam bens, não são considerados bens<sup>17</sup>.

Bens		
Bens que dizem respeito à alma	Bens relativos ao corpo	Bens externos

Quadro 5

Há três sentidos para o termo "indiferente" nos estoicos (*Pyrronian sketches*, III, 177; *Adv. Math.*, XI, 59-61)<sup>18</sup>. O primeiro sentido é "aquilo relativo ao qual não há nem impulso, nem repulsão" (πρὸς ὁ μήτε ὄρμὴ μήτε ἀφορμὴ γίνεται), como tentar descobrir se as estrelas ou os cabelos estão em número par. O segundo sentido é "aquilo em relação ao qual existe um impulso ou uma repulsão, mas não numa direção em vez de outra" (καθ' ἔτερον δὲ πρὸς ὁ ὄρμὴ μὲν ἡ ἀφορμὴ γίνεται οὐ μᾶλλον δὲ πρὸς τόδε ἡ τόδε), por exemplo, quando se tem de fazer uma escolha entre dois tetrádracmas idênticos. O terceiro significado é "aquilo que não contribui nem para a felicidade, nem para a infelicidade" (ἀδιάφορον εἶναι τὸ μήτε πρὸς εὐδαιμονίαν μήτε πρὸς κακοδαιμονίαν συμβαλλόμενον), por exemplo, saúde, riqueza.

<sup>17</sup> Cf. *Adv. Math.*, XI, 46-47, onde se relatam alguns exemplos de bens que pertencem à alma com os estoicos: as virtudes e as ações rectas; alguns exemplos de bens que são exteriores com os mesmos filósofos: o amigo, o homem de bem, os bons filhos e pais e o que se lhes assemelha. Os estoicos eliminam os bens corporais.

<sup>18</sup> Opondo-se às ideias dos filósofos dogmáticos, e em particular às ideias dos estoicos, de que existem coisas boas, coisas más e coisas neutras por natureza, Sextus mostra que não existem devido a desacordos entre os dogmáticos sobre essas coisas. De fato, as pessoas estão de acordo sobre as coisas que existem por natureza, enquanto os filósofos dogmáticos estão em desacordo sobre as coisas boas, más ou indiferentes que dizem existir por natureza. Ao estabelecer estes desacordos entre dogmáticos, Sextus observa o método tripartido frequentemente utilizado em filosofia. O livro de Sextus, *Adv. Math.*, XI deve ser comparado com a parte ética do Livro III dos *Esboços Pirrônico*s, pois tratam do mesmo assunto: a parte ética da filosofia dos dogmáticos, em particular dos Acadêmicos, Peripatéticos, estoicos e Epicureus.

Indiferente		
Aquilo em relação ao qual não existe nem impulso, nem repulsão	Aquilo em relação ao qual existe um impulso ou uma repulsão, mas não numa direção em vez de noutra	Coisas que não contribuem nem para a felicidade, nem para a infelicidade

Quadro 6

Na categoria dos "indiferentes", os estoicos, como Zeno e Cleantheus (*Pyrrhonian Sketches*, Livro III, 191 sqq. e *Adv. Math.*, XI, 62 sqq.; 96-109; Diógenes Laércio, VII, 106-107), aceitam a classificação dos seres em três classes : os bens ou coisas preferidas (a riqueza, o bom nascimento, a boa natureza, o progresso, a saúde); os males ou coisas rejeitadas (coisas contrárias às boas, como a pobreza, os males); os "indiferentes" ou coisas não preferidas nem rejeitadas (tentar saber se se tem um número par ou ímpar de cabelos, estender ou dobrar os dedos). Os elementos da última classe de indiferentes são duplamente indiferentes, porque pertencem à sub-secção de indiferentes dividida em três classes.

Coisas que não interessam		
Bens	Males	Coisas que são indiferentes ou duplamente indiferentes

Quadro 7

Novamente com um objetivo pedagógico, Sextus utiliza o método tripartido para mostrar que os cépticos atacam os argumentos dos filósofos dogmáticos sobre a existência da arte de viver (*Pyrrhonian sketches*, III, 239-252; 274-278; *Adv. Math.*, XI, 168-257) graças aos quais se supõe que os homens são felizes e separados em três grupos (*Adv. Math.*, livro XI, 173-182; *Esboços Pirrônico*s, III, 239) que são a arte de viver de Epicuro, a dos Peripatéticos e a dos estoicos. Demonstra assim que, segundo os cépticos, a arte de viver não é única, mas que é múltipla e dissemelhante, porque os filósofos não estão de acordo quanto à existência de uma única arte de viver. Para ter sucesso neste ataque, os cépticos fazem o que se chama

"de três coisas uma: ou se deve seguir todas igualmente, ou só uma, ou nenhuma" (*Adv. Math.*, XI, 173-174, Grenier e Goron, 1948:135); por outras palavras, os cépticos atacam cada grupo separadamente para demonstrar a inexistência da arte de viver. É impossível seguir todas as artes de viver propostas pelos filósofos devido à sua divergência, por exemplo. A questão é: quais são os critérios para determinar se uma determinada arte é considerada boa ou má? Também é impossível seguir uma única arte de viver: qual delas devemos seguir e com base em quê? Que critérios devem ser utilizados para dizer que uma arte é boa e outra é má? Por que seguir a arte de uma pessoa e não a de outra? E vice-versa. E se não se segue nenhuma arte de viver, como é que se sabe que a arte de viver existe? Em todos os casos, os cépticos chegam à seguinte conclusão: a arte de viver, tal como ensinada por estes filósofos, não existe, porque há desacordo sobre ela.

Método tripartido utilizado pelos cépticos para se oporem à arte de viver dos filósofos dogmáticos. De Três coisas:		
Ou segues todas as artes de viver de todos os eruditos.	Ou segue um único estilo de vida.	Ou não segue nenhum estilo de vida em particular

Quadro 8

Em suma, não se trata apenas de estudar a oposição de Sextus às afirmações dos estoicos sobre as subpartes da ética da filosofia, sobre os diferentes significados e nomes a dar às partes e subpartes da filosofia. Mas trata-se também de estudar os objetivos pedagógicos a retirar da tripartição da filosofia, da alma e da ética, a fim de tornar o ensino destes conceitos mais acessível aos alunos.

## Conclusão

Depois de ter estudado os textos gregos antigos relativos à utilização do número "3" em filosofia, é conveniente dizer que os ramos da filosofia respondem a uma preocupação pedagógica de ensino. De fato, esta utilização do número "3" faz parte de um esquema pedagógico tripartido destinado a facilitar o ensino e a aprendizagem desta disciplina complexa. Em vez de estudar esta disciplina como um todo, é preferível seguir uma abordagem e uma classificação por divisões e subdivisões. Este esquema permite sobretudo aos filósofos poderem explicar

muito facilmente cada um dos ramos, uma vez que é difícil ensinar ou aprender filosofia como um bloco único e indivisível. É por isso que lhes convém dividi-la de modo a poderem classificar os ramos numa boa ordem de transmissão. Mas é preciso notar que as partes e subpartes da filosofia foram diversas e variadas ao longo do tempo e que os filósofos não adotaram as mesmas divisões.

No campo da medicina, os mesmos objetivos pedagógicos podem ser encontrados entre os médicos, por exemplo, os médicos empíricos, que também utilizavam a tripartição para melhor popularizar os principais conceitos da sua arte. Este fato leva-nos a crer que esta divisão, sobretudo em três partes, era comum entre os estudiosos da Antiguidade.

## **Bibliografia**

### **I. Fontes primárias**

SEXTUS EMPIRICUS : *Esquisses pyrrhoniques ; Adversus mathematicos (Adv. math.)*.

### **II. Fontes secundárias**

ARISTOTE. *Éthique à Nicomaque ; Politique.*

DIOGÈNE LAÉRCIO. *Vies et doctrines des philosophes illustres.*

ÉPICTÈTE. *Entretiens.*

GALIEN. *Des doctrines d'Hippocrate et Platon; Fragments du commentaire de Galien sur le Timée de Platon.*

PLATON. *Phédon ; Phèdre ; République ; Timée.*

PLUTARQUE. *Œuvres morales.*

### **III. Traduções de textos gregos e estudos conexos: artigos e livros**

BOUDON-MILLOT, Véronique (Éd.). *Galien, tome II : Exhortation à l'étude de la médecine, Art médical.* Texte établi et traduit par Véronique Boudon. Paris : Les Belles Lettres. CUF, in-8°, 2018.

DEBRU, Armelle. chap. 10 Physiology. In: R.J Hankinson (ed.), *The Cambridge Companion to GALEN*. Cambridge University Press, 2008.

DEBRU, Armelle. *Le Corps Respirant : La Pensée Physiologique chez Galien*. Studies in Ancient Medicine. Brill, 1996.

DEBRU, Armelle. Hérophile, ou l'art de la médecine dans l'Alexandrie antique. In: *Revue d'histoire des sciences*, tome 44, n°3-4, 1991, p. 435-445. doi : <https://doi.org/10.3406/rhs.1991.4200> [https://www.persee.fr/doc/rhs\\_0151-4105\\_1991\\_num\\_44\\_3\\_4200](https://www.persee.fr/doc/rhs_0151-4105_1991_num_44_3_4200), [en ligne], consulté le 24-05-2019.

D'JERANIAN, Olivier. *Sextus Empiricus, Contre les moralistes (Adv. Math. XI)*. Texte présenté, traduit et annoté par O. D'JERANIAN. Paris : Manucius, 2015.

DE LACY, Philip. *Galen on the Doctrines of Hippocrates and Plato*. Akademie Verlag, 1978.

GOULET-CAZÉ, Marie [et al.]. *Diogène Laércio, Vies, doctrines sentences et des philosophes illustres*. Livre IX, traduction tirée de Diogène Laércio, *Vies et doctrines des philosophes illustres*. Introductions, traductions et notes de Jean-François Balaudé, Luc Brisson, Jacques Brunschwig, Tiziano Dorandi, Marie-Odile Goulet-Cazé, Richard Goulet et Michel Narcy, avec la collaboration de Michel Patillon. Paris : Librairie générale française, 1999.

GRENIER, Jean ; GORON, Geneviève. *Œuvres Choisies De Sextus Empiricus. Contre Les Physiciens, Contre Les Moralistes, Hypotyposes Pyrrhonniennes*. (Bibliothèque Philosophique) Paperback : Editions Montaigne, 1948.

HADOT, Pierre. Les divisions des parties de la philosophie dans l'Antiquité. In: *Museum Helveticum*, v. 36, n. 4, 1979, p. 201-223. [file:///C:/Users/YOUSOUPH/Downloads/mhl-001\\_1979\\_36\\_319\\_d.pdf](file:///C:/Users/YOUSOUPH/Downloads/mhl-001_1979_36_319_d.pdf), [en ligne], consulté le 14 mai 2019.

HADOT, Pierre. Conférence de M. Pierre Hadot : Théologies et mystiques de la Grèce hellénistique et de la fin de l'antiquité. In : *École pratique des hautes études, Section des sciences religieuses*. Annuaire. Tome 87, 1978-1979, p. 283-288 ;

[https://www.persee.fr/doc/ephe\\_0000-0002\\_1978\\_num\\_91\\_87\\_15440](https://www.persee.fr/doc/ephe_0000-0002_1978_num_91_87_15440) [en ligne], consulté le 20-05-2019.

HADOT, Pierre ; LAUGIER Sandra ; DAVIDSON Arnold. Qu'est-ce que l'éthique ? In : *Cités*, n. 5, 2001/1, p. 129-138. DOI : 10.3917/cite.005.0127. URL : <https://www.cairn.info/revue-cites-2001-1-page-129.htm>, [en ligne], consulté le 04-05-2019.

MOREAU, Joseph. Platon et la connaissance de l'âme. In: *Revue des Études Anciennes*. Tome 55, n. 3-4, 1953, p. 249-257. doi : <https://doi.org/10.3406/rea.1953.4899>. [https://www.persee.fr/doc/rea\\_0035-2004\\_1953\\_num\\_55\\_3\\_4899](https://www.persee.fr/doc/rea_0035-2004_1953_num_55_3_4899), [En ligne], consulté le 30 avril 2019.

LAFON, Olivier. Galien et la théorie des humeurs . Colloque Galien - Avicenne, Rabbat, 2/X/2015. [https://www.acadpharm.org/dos\\_public/O.\\_LAFONT.pdf](https://www.acadpharm.org/dos_public/O._LAFONT.pdf) [en ligne] consulté le 18/ 02/ 2023.

LUCAS, David. La philosophie antique comme soin de l'âme, *Le Portique* [en ligne], 4-2007 | Soin et éducation (II), mis en ligne le 14 juin 2007, consulté le 30 avril 2019. URL: <http://journals.openedition.org/leportique/948>

MÉHAT, André. *Étude sur les 'Stromates' de Clément d'Alexandrie* (Patristica Sorbonensis, 7). Paris: Éd. du Seuil, 1 vol. in-8°, 580 p., 1 index, 1996.

NUTTON, Vivian. chap. 14 The fortunes of Galen. In: R.J. Hankinson (ed.), *The Cambridge Companion to Galen*. Cambridge University Press, 2008.

PELLEGRIN, Pierre. *Sextus Empiricus. Esquisses pyrrhoniques*. Bilingue grec - français. Paris : Éditions du Seuil, 1997.

PELLEGRIN, Pierre; DALIMIER, Catherine; DELATTRE, Daniel; DELATTRE, Joëlle; PÉREZ, Brigitte. *Sextus Empiricus. Contre les professeurs*. Introduction, glossaire et index par Pierre Pellegrin, traduction par C. Dalimier, D. et J. Delattre, B. Pérez sous la direction de P. Pellegrin. Bilingue grec - français. Paris : Éditions du Seuil, 2002.

STADEN, Heinrich von. La théorie de la vision chez Galien : la colonne qui saute et autres énigmes. In: *Philosophie antique* [Online], 12 | 2012, Online since 01 November 2018, connection on 18 February 2023. URL: <http://journals.openedition.org/philosant/936>; DOI: <https://doi.org/10.4000/philosant.936> [en ligne] consulté le 18/ 02/ 2012.

STADEN, Heinrich von. *Herophilus: The Art of Medicine in Early Alexandria*. Édition, translation and essays (Cambridge: Cambridge Univ. Press), xi.m-666 p. chapitre IV, 1989.